

VILEM FLUSSER E WALTER REHFELD DISCUTEM JUDAÍSMO COMO FONTE DO OCIDENTE

Discutem Aspectos Do Judaísmo

O judaísmo pode ser considerado, a meu ver, de pelo menos dois ângulos inteiramente distintos. Um diz respeito ao judaísmo como conjunto de ritos, o outro ao judaísmo como cosmovisão e como projeto de vida. Ambos aspectos empolgam a mente contemplativa. O primeiro aspecto empolga pela continuidade persistente da sua tradição, e pelo entusiasmo abnegado que provocou em tantos no curso da sua história milenar e acidentada. O segundo aspecto empolga pela influência decisiva que exerceu sobre a civilização ocidental e, por isso mesmo, sobre os destinos da humanidade. Mantendo em mente a distinção rigorosa desses dois aspectos, pretendo defender, neste artigo, a seguinte tese: O judaísmo como cosmovisão e como projeto de vida está integrado na nossa civilização no sentido hegeliano do termo "aufgehoben". A nossa civilização conservou o judaísmo (visto sob este aspecto) e superou o judaísmo elevando-o para um nível novo. Proponho, em primeiro lugar, um esboço rápido do judaísmo visto sob este aspecto, e, em segundo lugar, uma consideração daquele "aufgehoben" hegeliano.

Tratarei primeiro daquilo que me parece ser a teoria de conhecimento judaica, embora seja o pensamento judeu visceralmente oposto a toda teoria, portanto estranho à filosofia. (Os filósofos judeus superam, por serem filósofos, a cosmovisão judaica). A verdade é a relação entre conhecedor e conhecido. No judaísmo essa relação parte do conhecido e visa o conhecedor, ou, em outras palavras, o conhecido, (a "realidade"), se revela. A verdade judaica (emet) é a revelação da realidade, uma revelação que o homem recebe inicialmente, de maneira passiva. A atividade do conhecedor do homem restringe-se à elucidação e à explicitação da verdade revelada. O conhecimento no sentido judaico é um processo progressivo de explicitação da verdade revelada, ou, falando praticamente, é a soma sempre crescente de comentários de textos sagrados. A única fonte de conhecimento são esses textos, porque revelam a realidade. A tradição tem portanto função epistemológica no projeto existencial judeu, porque aprofunda o conhecimento. A passividade da noção judaica da verdade é um traço que distingue a mentalidade judaica da grega (para a qual a verdade deve ser pesquisada e descoberta) e da latina (para a qual a verdade deve ser investigada e conquistada).

A noção da realidade está intimamente ligada à noção da verdade. No cosmo judaico a realidade transcende o mundo fenomenal (a natureza), mas a natureza não deixa de ser, nem por isso, uma província da realidade. A natureza, (O "olam hazé") é tão real quanto o transcendente, (O "olam habá"), mas as categorias que prevaletem nessas duas províncias da realidade são assimétricas e apresentam problemas. O "olam hazé" é temporal e fluido, o "olam habá" é eterno e constante. O "olam hazé" é histórico no sentido estrito deste termo: ele tem começo, e fim, foi criado, e terá um "último dia". Não passe, portanto, de uma fase tran-

e da obra artística não se põe portanto, nas categorias às quais estamos acostumados pela nossa herança grega. A única obra de arte que interessa existencialmente o pensamento judeu é a vida humana. Viver uma vida pura é a única forma existencialmente importante de criar beleza. Os problemas estéticos gregos, como o da criação (poiesis) e imitação (mimesis), se põem apenas negativamente e apologéticamente no pensamento judeu. Criar é prerrogativo do transcendente, ("não deves fazer outros deuses"), e imitar é pecado ("não deves fazer imagens de Mim"), e a arte no sentido grego é portanto nojenta.

Finalizando este curto esboço da cosmovisão e do projeto existencial judeu, o qual confesso ser resumido demais para ser "justo", direi que essa cosmovisão e esse projeto tem a ética como seu centro. É a partir da ética judaica, portanto a partir da "praxis", que devemos tentar uma penetração do pensamento judeu. Tendo esse fato em mente, passo a defender minha tese, pela qual é a cosmovisão e o projeto existencial judeu "aufgehoben" na civilização ocidental da qual todos participamos, sejamos ou não judeus.

O Ocidente é obviamente palco de luta de tendências divergentes. Isto confere ao Ocidente aquela elasticidade e pujança que o caracterizavam até recentemente. E lutar comum, que o cristianismo como síntese de elementos judeus, gregos, egípcios, persas, latinos, e, quicá, hindus, forma a base do Ocidente, é lutar comum, mas não deixa de ser verdade. Escolhi, entretanto, trilhar menos pisada para conduzir o argumento. Escolhi, com efeito, o esquema do esboço que apresentei aos leitores. A epistemologia ocidental opera com uma variedade de noções da verdade, e a verdade judaica é uma delas. No campo da ciência domina o conceito grego da verdade como "o descoberto", embora a noção da "revelação" não esteja inteiramente ausente. No pensamento religioso, tanto católico como protestante, e ortodoxo, domina a verdade judaica. Mas é no pensamento filosófico que uma síntese das diferentes verdades é almejada. A fenomenologia como submissão paciente à coisa que se revela, é uma vitória da noção judaica, e o pensamento existencial como fidelidade à própria autenticidade que se revela pela consciência, é um renascimento surpreendente do projeto existencial judeu. A verdade judaica está conservada na epistemologia ocidental de maneira fecunda, embora elevada a um nível de significação novo e neste sentido, verdadeiramente original.

A ontologia judaica com toda a sua problemática do "quem e além" do corpo e alma, de secularidade e eternidade, e sua práxis que acompanha o Ocidente, e a errática a todas as tentativas de solução empreendidas. Pelo contrário, tendo o Ocidente elaborado as consequências da noção judaica da realidade, que se encontram no judaísmo apenas em esboço, conduziu toda essa cosmovisão ao absurdo, e não conseguiu substituí-la. Neste sentido negativo conservou o Ocidente o senso de realidade judeu, elevou a sua absurdidade a níveis imprevisíveis, e superou essa

co no sentido estrito deste termo: ele tem começo e fim, foi "criado" e terá um "último dia". Não passa, portanto, de uma fase transitória do "olam habá", mas é, a despeito disto, o único palco da atividade humana, já que o homem é um ser histórico e, como tal, condicionado pela sua circunstância, que é a natureza. A verdade revelada abre, no entanto, uma janela para o "olam habá", uma janela que a atividade explanatória dos comentários mantém sempre aberta. Essa nãoção judia da realidade, (que, a meu ver, não resiste a uma análise filosófica, mas que se conserva pelo seu dinamismo ético), contrasta com todas as noções da realidade das quais temos conhecimento. Para os gregos e hindus, por exemplo, é a natureza (irrevelável e fenomenal), embora deixe entrever a realidade que se esconde atrás dela.

A ética judia é uma consequência lógica da sua ontologia, embora historicamente seja mais provável que a ética antecedeu a ontologia. Os termos fundamentais dessa ética são "fidelidade" (emuná), "justiça" (tsedacá), "obra" (mitsvá) e "pecado" (khat). A fidelidade é a atitude e se mantém pelo homem para com a verdade revelada como condição fundamental de um comportamento justo. A justiça é a aplicação dessa verdade ao "olam hazé", de maneira que as coisas desse mundo sejam o que devem ser de acordo com essa verdade. A obra é o método de aplicação da justiça, e na dedicação a esse método reside a dignidade (também "mitsvá") da condição humana. O pecado é resultado de infidelidade, que por sua vez resulta em injustiça e faz com que as coisas não sejam o que devem ser, devir quando assim a natureza. O pecado é uma perversão da verdade e, portanto, uma perversidade. A ética judia estabelece portanto um "bem" e um "mal" (verdade e pecado), e a justiça judia, (isto é importante notar), não é uma procura de equilíbrio, mas uma decisão em prol da verdade. Essa ética contrasta violentamente com as noções gregas (para as quais o contrário da verdade não é o pecado, mas o engano) e com as noções latinas, (para as quais a justiça e a virtude são procuras de posições equilibradas).

A estética judia tem a ver com a noção da "pureza" (cabhrut). As categorias estéticas judias não são tanto o "belo" e o "feio", mas o "puro" e o "nojento". A vivência do "puro" é a tranquilidade do espírito, e a vivência do "nojento" é a vergonha. Assim, o corpo não é nojento, e andar nu é vergonhoso. Uma mulher vestida de bordo com os mandamentos que derivam da verdade revelada é bela (isto é, pura). Como a arte e a estética judia (informada pela ética) e dela não pode ser separada. O problema da arte

sentido negativo conservou o Ocidente o senso da realidade judeu, elevou a sua absurdidade a níveis imprevisíveis e superou essa absurdidade no sentido da perda de todo senso de realidade. A crise da ciência e o desespero existencial são sintomas atuais deste processo. Mas o senso de historicidade que caracteriza o "olam hazé", e que é tão tipicamente judeu, caracteriza igualmente o Ocidente e o distingue de todas as demais civilizações, dedicadas à circularidade do tempo. A ética ocidental tem uma dimensão política, uma dimensão jurídica e um fundamento tradicional de costumes. Na política prevalece o pensamento grego, embora a idéia do messianismo seja um traço tipicamente ocidental, e mais evidente nas sociedades ortodoxas eslavas. Na jurisprudência prevalece o pensamento latino, embora fortemente adubado por noções judias que o penetraram por via do cristianismo. Mas é nos costumes, na "moral" em sentido estrito, que a ética judia domina. O pecado é um conceito tipicamente ocidental herdado dos judeus. A noção de como "fidelidade" é em nossas obras como serviço ao transcendente são traços tipicamente judeus. E todas as tentativas de uma transvalorização dos valores judeus, são fadadas ao malogro. Na vida diária, na atitude ante o próximo e na busca de felicidade todos os ocidentais são judeus. A escolha existencial, a liberdade que temos como ocidentais, reside justamente neste ou praticamos boas ações, ou cometemos pecados. É a verdade que a ética judia foi acrescida de diversas novas dimensões, por exemplo pela importância central que assumiu a noção do amor, (pelo menos em teoria), e pelo papel decisivo da graça. Mas estas conquistas novas não passam de elaborações contidas de forma esboçada, no projeto judeu. A atitude moral fundamental do Ocidente, que chamamos de "atitude cristã", é uma atitude judia. O Ocidente conservou fidelidade à ética judia, embora elevando-a a novos níveis, e superando-a na política e jurisprudência pela assimilação de noções gregas e latinas.

Na estética a herança judia é menos fecunda. Mas é novamente o pensamento existencial que a faz renascer com as suas categorias de angústia e nojo. A "pureza judia" renasce, nesse pensamento, como autenticidade, o sentimento de vergonha, que acompanha, qual sombra, o pecado no pensamento judeu, e a mola mestre da luta dos penitentes existenciais em prol de um novo empenho. A nova arte que surge da fenomenologia e do existencialismo, seja ela "abstrata" ou "concreta", é a articulação de um sentimento estético fundamentalmente judeu.

Em conclusão posso dizer que o Ocidente continua judeu em muitos aspectos, e mais especialmente na sua moral, e que o judaísmo está profundamente preservado, radicalmente elevado, e neste sentido positivo, superado pela civilização da qual participamos. A partir desta conclusão passo a considerar rapidamente a ortodoxia judia e o sionismo. Ambas são tentativas de limitar severamente os flamares que unem judeus ao Ocidente, e ambas o fazem em procura de pureza. A ortodoxia quer preservar a pureza num sentido aproximadamente medieval, o sionismo nos moldes do nacionalismo do século 19. Ambas tentativas são admiráveis pela carga emocional que possuem, e o sionismo tem a seu favor um argumento de ordem prática: o Estado judeu como refúgio e resseguro. (Mas o Estado judeu surgiu com um atraso de dez anos e não conseguiu evitar a chacina hitlerista, o que tira um pouco do valor deste argumento). O estabelecimento do Estado judeu poucos anos depois do fechamento do último forno é o exemplo mais terrível da ironia trágica que a história fornece. Tanto a ortodoxia como o sionismo são, como disse, admiráveis, mas são, a meu ver, profundamente enganados. Consideram-se, ambos, centros e núcleos do judaísmo, quan-

do são, a meu ver, fenômenos de periferia. Por reduzirem a sua participação na civilização ocidental, limitam severamente a função universal e cosmopolita do judaísmo. Creio que um católico fervoroso e um marxista convencido são muito mais radicalmente judeus que as duas tendências em apreço. O judaísmo como cosmovisão e como projeto de vida é uma das fontes, (quiza a fonte principal), da civilização do Ocidente. A sorte dessa civilização está atualmente em jogo, não tanto pelos ataques externos que sofre, mas pela erosão interna dos seus valores. Estes valores são, como tentei demonstrar, em grande parte judeus. Não sei se estes valores merecem ser conservados, já que tiveram como consequência não somente o enorme tesouro cultural, mas também fanatismos e brutalidades dos quais os próprios judeus eram vítimas prediletas. Mas como ocidental, e como descendente de judeus, tendo a simpatizar com esses valores, sei que a sobrevivência dos valores judeus depende da sobrevivência do Ocidente. Em bora nutra graves reservas mentais, sou portanto empenhado no Ocidente. Essa minha posição não é individual, mas típica, e é, por esta razão que ousou submeter este artigo à apreciação dos leitores. Vilem Flusser